

## **IDEOLOGIA DO MERCADO E POLÍTICA ECONÔMICA**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Senhor*, nº 66, 23.06.1982

Durante o ano de 1981 os empresários brasileiros permaneceram inermes diante da ortodoxia monetarista recessiva praticada pelo Governo em matéria de política econômica. Em consequência tivemos a mais grave recessão da história industrial do país.

Sem dúvida houve manifestações contra a recessão. No começo de 1981 os empresários davam entrevistas e entrevistas jurando ser contra a recessão, ao mesmo tempo que recusavam-se a ver que o Governo, sob pressão dos banqueiros internacionais, praticava uma política econômica deliberadamente recessiva. Quando, a partir de abril foi-se tornando evidente a recessão, o jogo mudou: Governo e empresários, estes com algumas raras exceções, passaram a negar que houvesse recessão. Em torno de julho, entretanto, a recessão estava tão clara que o Governo calou-se e os empresários passaram a justificar a situação do mercado e a falar na inevitabilidade da recessão para resolver os problemas da inflação e balanço de pagamentos.

Essa passividade dos empresários diante de uma política claramente danosa aos interesses do país explica-se por uma série de fatores.

Uma causa geralmente lembrada é a dependência e subordinação dos empresários ao Governo. Em nome do liberalismo eles podem falar contra uma entidade relativamente abstrata como o Estado (o próprio Governo, cúpula dirigente do Estado, também o faz), mas arrepiam-se diante da mera idéia de criticar o Governo. Essa causa é verdadeira, mas não é principal. Já existem muitos empresários com autonomia para criticar o Governo.

Uma segunda causa tem caráter conjuntural. Durante o ano de 1980 foi praticada no Brasil uma política expansionista oposta às recomendações recessivas da ortodoxia conservadora. Essa política foi desastrosa sob todos os pontos de vista e desmoralizou as soluções administrativas, baseadas não apenas no controle indiscriminado da moeda,

mas também no controle seletivo das despesas do Estado, no controle seletivo das importações, no controle administrativo dos preços das mercadorias, da taxa de juros, da taxa de cambio e da taxa de salários (os quatro preços de qualquer economia). É claro que o fracasso da política resultou dos erros cometidos e não da inviabilidade de uma política administrativa. Mas isto não foi percebido pelos empresários.

Esta incapacidade dos empresários de perceber que a política econômica de 1980 falhou devido a erros clamorosos e não porque uma política econômica administrativa é incapaz de resolver os problemas do país nos conduz à terceira e fundamental causa para a passividade dos empresários diante da ortodoxia conservadora monetarista: esse tipo de política econômica, embora rigorosamente ineficiente, é a única plenamente compatível com a ideologia burguesa do liberalismo econômico.

Há mais de cem anos foi detectado o caráter ideológico e anti-científico da teoria econômica liberal; há quase cinquenta anos Keynes demonstrou a impossibilidade de o mercado controlar a economia automaticamente. Mas a ortodoxia neoclássica, que prega a recessão (e o “livre funcionamento das forças do mercado”) para resolver as crises, acaba sempre renascendo das cinzas, exatamente porque o mercado, a lei da oferta e da procura, o sistema de preço, muito mais do que simples instituições econômicas, são um sistema de crenças, representam o próprio cerne da ideologia burguesa, as a base da sua legitimidade política. A afirmação sistemática de que só uma economia de mercado é compatível com a democracia é a melhor ilustração desse fato.

Dessa posição ideológica fundamental, que atinge tanto os empresário locais quanto multinacionais, para a adoção de políticas econômicas monetaristas é um passo quase automático. Não importa que, diante da oligopolização da economia, os resultados dessas políticas sejam cada vez mais negativos, como ficou demonstrado recentemente, de um lado no Chile de Pinochet e na Argentina de Videla, e de outro na Inglaterra de Thatcher e nos Estados Unidos de Reagan e Volcker. Os empresários e seus economistas simplesmente não vêem outra alternativa. Não percebem que uma política econômica de curto prazo basicamente keynesiana, somada a uma administração cuidadosa -sa (para evitar distorções, violências à lei do valor) dos quatro preços fundamentais do sistema econômico, e a uma estratégia de planejamento econômico a médio prazo, poderá ter resultados muito superiores aos das políticas econômicas monetaristas.

Trata-se obviamente de uma cegueira ideológica que caro está custando ao país e aos próprios empresários. Não é recusando a compreender a natureza do capitalismo monopolista e tecnoburocrático dos nossos dias que o Brasil será capaz de retomar o desenvolvimento nos quadros de uma verdadeira democracia. (Senhor, nº 66, 23/06)